



Artigo / Artículo / Article

Metaetnografia perspectivista: a diversidade de experiências em uma pesquisa-ação participativa de pós-graduação em etnomusicologia

Grupo de Pesquisa em Etnomusicologia Dona Ivone Lara, Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
gpdivonelara@gmail.com

Jhenifer Raul, Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Lucas Assis, Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Matheus Ferreira, Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Pedro Mendonça, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, Brasil

Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Programa de pós-graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Raphaela Yves, Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar os múltiplos pontos de vista contidos em uma pesquisa-ação participativa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Etnomusicologia Dona Ivone Lara (GPEDIL), criado no âmbito da investigação doutoral em andamento de Pedro Mendonça. O grupo realiza trabalho etnográfico em torno e junto ao Sarau Divergente, evento de rua que há cinco anos realiza um sarau na Cinelândia, gerido prioritariamente por profissionais do gênero *funk* carioca, mas não se esgotando nesse gênero musical. Um espaço majoritariamente negro que tem por base as lutas contra o genocídio do povo negro e a poética-epistemologia-espiritualidade afro-brasileira ancestral. Este artigo se autodenomina como metaetnografia por ter como foco uma etnografia/autoetnografia realizada coletivamente desde janeiro de 2016, pautando seus relatos sobre os desafios e possibilidades deste tipo de metodologia em uma diversidade de pontos de vista.

Palavras-chave: metaetnografia, pesquisa-ação participativa, afroperspectividade



Meta-etnografía perspectivista: la diversidad de experiencias en una investigación-acción participativa de postgrado en etnomusicología

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar los múltiples puntos de vista contenidos en una misma investigación-acción participativa, realizada por el Grupo de Investigación en *Etnomusicologia Dona Ivone Lara* (GPEDIL), que fue creado en el ámbito de la investigación doctoral en marcha de Pedro Mendonça. El grupo lleva a cabo trabajo etnográfico en torno y junto al Sarau Divergente, evento de calle que hace 5 años realiza un sarau en Cinelândia, centro de Río de Janeiro, gestionado mayoritariamente por profesionales del género funk carioca, aunque no se limita en este género musical. Se trata de un espacio mayoritariamente negro que tiene como base las luchas contra el Genocidio del Pueblo Negro y la poética-epistemología-espiritualidad afro-brasileña ancestral. Este artículo se auto denomina “meta-etnografía” por tratarse de una etnografía/auto-etnografía efectuada colectivamente, realizada desde enero de 2016, y porque dedica sus relatos a los desafíos y posibilidades que este tipo de metodología presenta, desde una diversidad de puntos de vista.

Palabras clave: meta-etnografía, investigación-acción participativa, afroperspectividad

Perspectivist Meta-ethnography: The Diversity of Experiences in a Postgraduate Participatory Action Research in Ethnomusicology

Abstract

This article aims to present the multiple points of view contained in the same Participatory Action Research carried out by the Research Group on Ethnomusicology Dona Ivone Lara, created within the scope of the doctoral research of the PPGM-UNIRIO student Pedro Mendonça. The group performs ethnographic work around and along with the Sarau Divergente, a street event which a sarau in Cinelândia, downtown Río de Janeiro, has been holding since 5 years ago, and which is managed primarily by professionals of the Carioca funk genre, but not limited to this musical genre. It is a predominantly black space that is based on the struggles against the Genocide of the Black People and the ancestral Afro-Brazilian poetics-epistemology-spirituality. This article is called meta-ethnography because it is an ethnography/self-ethnography carried out collectively since January 2016, setting forth its reports on the challenges and possibilities of this type of methodology from a diversity of points of view.

Keywords: Meta-ethnography, participatory action research, afroperspectivity

Fecha de recepción / Data de recepção / Received: febrero 2018

Fecha de aceptación / Data de aceitação / Acceptance date: abril 2018

Fecha de publicación / Data de publicação / Release date: agosto 2018



Introdução

O Grupo de Pesquisa em Etnomusicologia Dona Ivone Lara (GPEDIL) foi criado em janeiro de 2016 com o objetivo de realizar uma pesquisa-ação participativa dentro do Sarau Divergente, que compreendesse a potência político-artística deste espaço “preto de cultura”¹. Realizado entre dezembro de 2013 e novembro de 2017 (e atualmente em pausa por tempo indeterminado) na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, o Sarau Divergente tinha periodicidade mensal (primeiramente na segunda quinta-feira e posteriormente na segunda sexta-feira de cada mês). Tendo como seus principais organizadores o MC Mano Teko, e a militante do movimento sem-teto Gianni, moradora da Ocupação Manoel Congo, o evento tinha forte ênfase em discursos proferidos pela via do funk carioca, para além de outros gênero como o hip hop, o samba, a música de terreiro ou mesmo a poesia recitada não-musicada. Em sua maioria, as letras e falas do Sarau direcionavam-se às questões raciais e sociais do Brasil, mais especificamente das periferias das grandes cidades brasileiras e suas populações negras e indígenas, sendo a temática “genocídio do povo negro”² a principal dentre elas.

Esta investigação em andamento está vinculada à pesquisa de doutoramento de Pedro Mendonça, estudante em fase de conclusão de curso do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGM-UNIRIO). Pedro é um dos autores deste artigo e foi também, enquanto doutorando, proponente desta pesquisa-ação participativa que posteriormente fundou o GPEDIL, coordenado pelo mesmo e hoje vinculado ao Laboratório de etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que por sua vez é coordenado por Samuel Araújo, orientador desta pesquisa de doutorado.

Por se tratar de uma pesquisa que se baseia no uso de práticas de investigação participativas, que apesar do crescimento da difusão desta opção metodológica, ainda possui um caráter experimental, decidimos neste artigo apresentar um pouco de como esta prática tem sido vivenciada por nós, a partir da diversidade de pontos de vista presentes em nosso grupo, compreendendo o mesmo como parte de uma pesquisa de pós-graduação, tradicionalmente de caráter individual. *A priori* defendemos a ideia de que uma pesquisa etnográfica jamais possui um caráter individual, pois incorre necessariamente na captura dos mais diversos pontos de vista. Entretanto, por uma questão de poder e hegemonia de discursos e acesso, na maioria das vezes só temos a possibilidade de conhecer um destes pontos de vista, majoritariamente advindos de pessoas brancas e de classe média – o principal público dos programas de pós-graduação no

¹ Conforme depoimento do MC Mano Teko aos membros do GPEDIL em várias ocasiões do Sarau Divergente.

² Consideramos genocídio o processo ao qual os povos negro-africanos tem sido sujeitos desde o período de sua escravização até os dias atuais, considerando aspectos socioeconômicos cujos dados apontam para uma porcentagem de 78,5% de negros entre os mais pobres da população, piores condições de trabalho e salário, realidade de encarceramento, onde 64% dos presos são negros auto-declarados, para além da política de extermínio impetrada pelo Estado contra essa parcela da população, já que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil. A palavra genocídio é aqui politicamente utilizada por também incluir o epistemicídio (Carneiro 2005), processo histórico que subjuga e subalterniza, quando não “demoniza” os conhecimentos oriundos dos povos africanos presentes no país.

Brasil– deixando assim de lado as perspectivas daqueles que ocupam posições subalternizadas em nossa sociedade racista, machista, classista e patriarcal.

As seções que se seguem resumem os pontos de vista dos autores deste artigo a respeito desse processo etnográfico que estamos construindo coletivamente desde janeiro de 2016. Em meio a estas descrições, que intencionalmente respeitam as epistemologias e a linguagem que cada um escolheu para transmitir em sua metaetnografia, já há algumas análises que decorrem de construções teóricas advindas da própria experiência dos integrantes de nosso grupo, experiências que, como sugerimos acima, se encontram subalternizadas pela Academia –vozes negras e faveladas que são invisibilizadas nas maiorias dos textos etnográficos que conhecemos.

Acreditamos que o conceito de perspectivismo que melhor se adequa a esta nossa proposta é aquele cunhado pelo professor Renato Noguera –o de afroperspectividade, que busca exatamente equiparar os diversos universos de saberes experimentados pela comunidade negra e afrodescendente na Afrodiáspora do Brasil–, que aqui entendemos como

toda região fora do continente africano formada por povos africanos e seus descendentes, seja pela escravização entre os séculos XV e XIX, seja pelos processos migratórios do século XX. Ou seja, considerando a divisão do continente africano em cinco regiões –África Setentrional, África Ocidental, África Oriental, África Central e África Meridional–, podemos nomear aqui a reorganização em outros continentes como a sexta região, a afrodiáspora: a África fora do continente, sua cultura e sua história (Noguera 2014: 40).

A proposta filosófica afroperspectivista tem como uma de suas particularidades epistemológicas a noção de “pluriversalidade” (Noguera 2015a) que coloca em relação equânime os mais diversos universos de saber, em oposição à noção eurocêntrica da universalidade de seus próprios conhecimentos, possibilitando a existência de diversos “centros” de saber, diversas “centricidades”: “A filosofia afroperspectivista é policêntrica, percebe, identifica e defende a existência de várias centricidades e de muitas perspectivas” (Noguera 2015b: 8).

Para além de nosso grupo estar composto majoritariamente por jovens negros de favela – público principal do Sarau Divergente– todos nós de alguma forma éramos participantes deste espaço antes da formação do grupo de pesquisa, alguns de nós com bastante protagonismo inclusive neste espaço que Pedro desejava pesquisar. Motivado por isso ele convidou quatro destes jovens participantes do Divergente para a composição do que viria a se tornar o GPEDIL e decidiu financiar esta iniciativa com sua bolsa de doutorado cedida pela CAPES de R\$ 2.200,00, gerando bolsas equivalentes e até superiores àquelas hoje pagas pelas universidades para estudantes de graduação envolvidos em pesquisas científicas. Mais adiante apresentaremos estas questões com maior riqueza de detalhes etnográficos, ou metaetnográficos, já que se trata de uma etnografia sobre um processo etnográfico, debatendo as possibilidades, dilemas, conflitos e questões políticas geradas a partir da realização de uma pesquisa-ação participativa no âmbito de um curso de doutoramento em etnomusicologia.

Cada membro do grupo teve a liberdade de expressar-se pela via da escrita da maneira como bem entendesse, inclusive muitas vezes “fugindo” de uma escrita dita “formal”, e escrevendo “como se fala”. Alguns de nós preferiram então ter uma revisão por parte de Pedro Mendonça, e outros acreditaram que sua perspectiva seria melhor compreendida se mantidas as

particularidades de suas linguagens. Alguns de nós enviaram áudios para o Pedro que foram transcritos e viraram texto escrito, e outros preferiram escrever. O texto final apresenta questões que acreditamos serem de grande importância já que se trata de um trabalho que pretende apresentar diversas perspectivas de uma mesma pesquisa em andamento.

Pesquisa-ação participativa

A pesquisa-ação participativa (PAP) se apresenta em nosso trabalho como a pedra fundamental de todo o processo etnográfico. Suas referências têm norteado efetivamente o fazer de nosso pequeno grupo de pesquisa, que se propõe a compreender o Sarau Divergente enquanto central na constituição de uma política autônoma de luta contra o genocídio do povo negro na cidade do Rio de Janeiro. O caráter engajado da PAP está na base do nosso trabalho investigativo. Samuel Araújo (2008), em um esforço de análise teórica a respeito de diferentes práticas etnográficas, convida-nos a pensar sobre nosso engajamento enquanto pesquisadores, desmitificando a possibilidade de uma pesquisa neutra e apresentando como ferramenta a práxis acadêmica –teoria e prática em assumido engajamento na luta pela transformação social.

Vincenzo Cambria (2012) analisa o desenvolvimento recente da pesquisa-ação participativa em nossa área, na qual o pesquisador define este tipo de prática como aquela que tem como principal objetivo imediato a ação e a mudança social como objetivo final. O tipo de conhecimento resultante desta metodologia seria o conhecimento crítico, produzido dialogicamente através da combinação entre teoria e prática (práxis) e intensamente partilhado entre acadêmicos e membros de determinada comunidade a partir de seus próprios interesses. A relação estabelecida entre os sujeitos é, no caso, a de sujeito/sujeito onde “os pesquisadores profissionais assumem o papel de mediadores e facilitadores dentro de um processo horizontal de reconhecimento e aprendizado mútuos” (Cambria 2012: 45). Finalmente, o tipo de engajamento adotado na pesquisa participativa seria aquele assumidamente engajado, onde o trabalho normalmente se encontra direcionado a resolver problemas específicos e possui uma dimensão educacional transformadora.

Não é vão afirmar aqui que o termo “superiores”, no contexto global a que estamos nos referindo, veio a sinalizar na história recente da humanidade o que se possa chamar de cultura do homem, branco, heterossexual, descendente de europeus ocidentais e cristãos, ou de sua prole e afeitos no mundo colonial, cultura essa consagrada como artífice da prosperidade material e financeira do capital (Araújo 2017: 9).

Embora seja notório o avanço desse compromisso e a amplificação de vozes que não se enquadram no padrão do homem branco citado acima por Samuel Araújo, estes modos de fazer ainda se encontram em posição marginal dentro da antropologia, e bem minoritária dentro da etnomusicologia, apesar do aumento do volume dos trabalhos politicamente engajados apresentados em congressos da área em diversos locais do planeta. Para além disso, a maior parte destas pesquisas que se propõem transformadoras não estão alinhadas metodologicamente com a proposta de PAP, estando então mais aproximadas da noção de etnomusicologia aplicada, isto é, não modificam de fato as relações de poder e autoridade entre pesquisadores e “pesquisados”.

Todavía, as maneiras pelas quais nos relacionamos com elas para produzir conhecimento parece ter mudado pouco. Que relações estamos estabelecendo com as pessoas que encontramos pelo mundo (ou perto de nossas portas) e com o conhecimento produzido por elas em nossas pesquisas? [...] Os projetos realizados em etnomusicologia aplicada são geralmente de curta duração, tem um foco muito local e limitado (a produção de um festival, de um CD, uma exibição etc.) e podem não confrontar diretamente a subjacente (e mais ampla) condição de subordinação e de opressão que as pessoas com quem trabalham vivenciam em seu cotidiano (Cambria, Guazina e Fonseca 2017: 97-99).

Dentro da área da antropologia encontramos o colombiano Luis Guillermo Vasco Uribe que propõe uma inserção real no cotidiano indígena guambiano na Colômbia, por acreditar que sem tal iniciativa não há como compreendermos de fato suas concepções de mundo. Em Guambía, Uribe realizou toda a etnografia dentro do próprio terreno, incluindo as leituras, todas feitas em espanhol para serem mais acessíveis. As análises se realizavam durante discussões cotidianas, ao invés de se realizar em um escritório de universidade apenas com os dados coletados “no campo”.

Pelo contrário, muitas atividades dos Guambianos foram lugar de discussão constante; o trabalho nas escolas, nas festas e eventos escolares, reuniões nas calçadas, assembleias comunitárias, cursos de formação, diálogos em uma estrada indo e vindo de um local para o outro, as conversas nas casas, as discussões durante os intervalos das reuniões de trabalho, as reuniões de discussão, tudo era um ciclo onde a informação que ia surgindo se confrontava através da discussão e, portanto, iam sendo analisadas com os conceitos que foram surgindo a partir da vida e do trabalho³ (Uribe 2007: 14).

Segundo Uribe, para se chegar as práticas expostas acima, apenas foi necessário permitir que os indígenas falassem, sem estar respondendo a perguntas ou questionários, apenas que dessem suas próprias explicações, análises e interpretações. Assim também se pode descobrir o que os indígenas queriam dos antropólogos. Os indígenas guambianos, por exemplo, estavam interessados em sua etno-história e na arqueologia –estavam atrás de compreender o seu próprio passado. Toda essa proximidade de Vasco Uribe com os guambianos somente foi possível a partir de uma abertura de sua parte para repensar o seu método, central em sua pesquisa assim como na nossa.

O trabalho de Uribe tem sido fundamental no desenvolvimento e reflexão dentro da nossa própria pesquisa, principalmente no que diz respeito à sua discussão metodológica, pois é nesta pedra que estão assentadas para nós as principais contribuições que o antropólogo traz para o cenário acadêmico, propondo a possibilidade de realizar uma pesquisa pautada de fato nas necessidades e nos modelos de construção de conhecimento dos povos indígenas, historicamente

³ “Al contrario, muchísimas actividades de los guambianos fueron lugar de constante discusión; el trabajo en las escuelas, las celebraciones y los actos escolares, las reuniones en las veredas, las asambleas de la comunidad, los cursos de capacitación, las conversaciones por una carretera yendo y viniendo para un sitio y para otro, las conversaciones en las casas, las discusiones en los descansos del trabajo, las reuniones de discusión, todo era un ciclo en donde la información que iba surgiendo se confrontaba a través de la discusión y, por lo tanto, iba siendo analizada con los conceptos que iban surgiendo de la vida y del trabajo”.

colocados na posição de meros objetos pela antropologia. O método de Uribe permitiu inclusive que a própria escrita fosse uma demanda dos indígenas, e não uma imposição dentro de um modelo de pesquisa eurocêntrico de supervaloração do resultado escrito.

Entretanto, o projeto que maior influência tem em nosso trabalho é o do grupo Musicultura. O grupo de pesquisa situado dentro do conjunto de favelas da Maré⁴ tem por objetivo principal pesquisar as práticas musicais desta comunidade. O banco de dados do grupo jamais saiu do bairro, fato pouco comum, uma vez que normalmente as universidades e seus laboratórios são os espaços de eleição para a preservação e salvaguarda dos dados de pesquisas, mesmo que estas sejam realizadas em países diferentes daquele que abriga a universidade financiadora das mesmas.

O grupo possui uma proposta metodológica de pesquisa-ação participativa, que assim como nos exemplos supracitados, não se descola de um projeto político transformador. Desde o princípio do grupo, no ano de 2003, o Musicultura funciona com maioria de pesquisadores moradores da Maré que levam a cabo todas as etapas da pesquisa desde a elaboração dos objetivos até à coleta de dados, interpretação dos mesmos e produção dos resultados. Utilizando prioritariamente a etnografia como ferramenta metodológico-política, o grupo tem como pressuposto o desafio de produzir conhecimento em coletivo, havendo épocas em que o Musicultura contou com a participação de mais de 20 integrantes mareenses⁵.

Dentro de uma ideia horizontal de construção de conhecimento, o “nativo” morador da Maré dentro do Musicultura passa do papel de objeto, tradicionalmente reservado a ele pela pesquisa etnográfica, à posição de sujeito da pesquisa –de pesquisador. Seus conhecimentos e sua própria vivência são ainda fundamentais nesse processo, o que o torna um “pesquisador-pesquisado”, uma mistura dialógica entre posições que são tratadas ainda hoje como antagonistas por grande parte dos etnomusicólogos. O grupo possui também investigadores não-moradores da Maré, principalmente alunos da Escola de Música da UFRJ e outros pesquisadores ligados ao Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ (LE-UFRJ), do qual o Musicultura é parte integrante.

Os rumos de nossa própria pesquisa estão então conectados diretamente ao desenvolvimento disso que vimos chamando de pesquisa-ação participativa, tanto no que diz respeito ao seu caráter engajado como no que diz respeito às possibilidades metodológicas apresentadas para o desenvolvimento etnográfico mais horizontal e menos pautado na desigualdade social existente entre as figuras do “pesquisador” e do “pesquisado”, buscando a supressão da própria diferenciação entre os dois papéis.

Raphaela Yves

Como começar uma metaetnografia? Se perguntassem à Raphaela de uns 10 anos atrás,

⁴ Bairro situado na Zona Leopoldina da cidade do Rio de Janeiro, com um dos piores índices de Desenvolvimento Humano da cidade (123º lugar), altos índices de violência decorrentes tanto do fluxo de “operações policiais” realizada dentro do Bairro, quanto pelas disputas internas por três diferentes facções criminosas pelo controle do tráfico de drogas existente no local.

⁵ Nome pelo qual se autorreferenciam os moradores do Bairro Maré.

diria que “esse bagulho de pesquisa é muito chato, depois ninguém vai ler isso. Só a professora mesmo, pra dizer se ‘tô’ aprovada na disciplina, ou não”. Essa Raphaela de anos atrás era professoranda do curso normal⁶ do Colégio Estadual Padre Manuel da Nóbrega, que cursava uma maçante disciplina de “Pesquisa de campo”, com a professora que lhe deu aula na antiga 2ª série do ensino fundamental, hoje 1º ano⁷. Algum tempo mais tarde tive experiências frustradas com o mesmo assunto na faculdade de Serviço Social, na Universidade Anhanguera de Niterói. Esse drama teve continuidade durante o projeto de pesquisa e logo mais no meu Trabalho de Conclusão de Curso. A grande questão era por onde começar a pesquisa, e o que pesquisar, já que as orientações sobre o projeto eram sempre muito rápidas e pouquíssimo produtivas, daquele jeito que só acontece nas universidades privadas e que todo mundo já sabe. “Todo mundo” que digo é aquela maioria da população mais pobre, da escola pública, pretos na maioria, bolsistas do FIES⁸.

Voltando ao assunto da pesquisa, a menina Rapha ainda não tinha entendido muito bem por que tinha de fazer o tal projeto e para que isso serviria, mas fez. Tentou falar um pouco sobre algumas impressões sobre o sistema, apostou num assunto meio indigesto aqui no “país das três raças”: o racismo institucional e as formas de acessos aos direitos básicos, mas como Marx sempre dizia que a “luta é de classes” não havia no SeSo⁹ autores que tocassem muito no assunto. Então em grupo, ela resolveu falar sobre as políticas sociais da era Lula. Tinha mais gente publicando sobre o assunto, autores dialogando sobre os impactos de programas sociais e políticas públicas para a população pobre. Mas imaginem só, se no projeto de pesquisa a orientação era “muito rápida e pouquíssimo produtiva”, no TCC esta nem existiu, pelo menos não presencialmente, uma vez que nossa orientação era EAD¹⁰. Assim a cada 15 dias recebíamos a “orientação” virtual e a notícia da troca de orientador. A proposta seria realizar uma pesquisa coletiva com outras colegas na mesma situação de conclusão de curso, entretanto eram cabeças e pensamentos muito diferentes e acabamos por não conseguir produzir tão coletivamente assim. Muitos temas distintos e um temor natural de pessoas que não tinham uma noção de pesquisa, de escrita, de “colocar no papel”, na prática, um trabalho de qualidade. Além desta contradição entre ser coletiva e na verdade não ser de fato coletiva, a metodologia proposta nada tinha a ver com esta que hoje utilizamos em nosso GPEDIL. Pelo contrário, era uma metodologia “engessada” em análises quantitativas, nas quais a inserção de gráficos e tabelas com percentuais de dados coletados era muito valorizada pelos avaliadores de meu curso. Foi assim minha experiência de pesquisa acadêmica.

Antes mesmo de defender o TCC eu já havia conhecido o grupo, o que para mim foi uma experiência inusitada já que participei da primeira reunião do grupo na casa do Pedro que na

⁶ Curso de formação de professoras da educação infantil.

⁷ Ano escolar que normalmente recebe alunos e alunas de 6 e 7 anos de idade.

⁸ Programa do governo federal brasileiro que financia a baixos juros cursos para jovens de baixa renda em universidades privadas do país.

⁹ Sigla utilizada por alguns professores e alunos do Serviço Social, para encurtar o nome do curso em alguns textinhos usado em sala de aula e muitas vezes até como gíria para falar do curso.

¹⁰ Modelo de educação não presencial muito utilizada por universidades privadas.

época vivia no bairro de Olaria¹¹, e me recordo que fiquei muito pasma quando foi apresentada a proposta da pesquisa e de como iria se organizar o grupo, pois dentro da academia a gente aprende a realizar uma pesquisa que não dá autonomia aos “objetos”, e aí a questão da pesquisa-ação participativa vem desmitificando para mim essas “verdades” que aprendi em meu curso de graduação. Me lembro realmente que fiquei muito impactada com esta “outra” forma de pensar o modelo acadêmico de pesquisa. Sempre fui envolvida com música, por conta das bandas musicais das escolas que estudei, mas nunca havia imaginado que havia pesquisas relacionadas a essa área. Assim participei da primeira reunião e de algumas outras seguintes. O grupo estava decidindo que espaço da cidade ia pesquisar, seguindo o contexto de espaços de protagonismo negro na música. A Jhenifer já participava do Sarau e conseqüentemente comecei a participar também. Entre noites no Sarau e dias acompanhando as reuniões, ouvi muito sobre autores negros, outras formas de difusão da arte feita pelo povo negro e como a pesquisa não precisa ser algo conservador, nem uma forma de construção teórica que, muitas vezes, não dialoga com o público pesquisado e acaba não servindo à vida prática destes.

Conforme participava do Sarau, observava mais aspectos daquele espaço com o qual me identificava que me chamavam a atenção. Um deles era a forma de encerrar a atividade cantando o ponto à Exu que fazia parte do meu cotidiano enquanto filha de santo num terreiro, o fato de terem muitas mulheres enquanto espectadoras, mas poucas com o microfone, a forma como o mestre de cerimônias conduzia o sarau, etc. Aos poucos fui me sentindo parte daquele espaço, comecei a recitar, cantar e tocar o tambor para encerrar o sarau. Procurava ajudar no que podia e dialogava muito com o mestre de cerimônias do Sarau Divergente, Mano Teko. Ainda não fazia parte “oficialmente” do grupo, mas continuava acompanhando os encontros sempre que eu podia, até lia uma coisa ou outra sobre o tema, ajudava minha companheira em suas etnografias e enfim fui convidada para me integrar ao grupo oficialmente.

Minha entrada no grupo foi em um momento meio conturbado na minha vida: tinha acabado de ser demitida de um emprego, o Sarau havia parado por uns tempos e eu havia me chateado com o Mano Teko. Novamente meu dilema com pesquisas se restabelece em minha cabeça. Mas o tempo novamente foi resposta, entramos no período de potencializar a parte teórica da pesquisa e entrevistar as pessoas fundamentais para a existência daquele espaço tão rico, entre entrevistas e leituras todo o processo em que estive envolvida fez sentido e aos poucos me apropriei dessa forma de pesquisar, olhando para si e entendendo o que há em volta, como nós mesmos podemos falar sobre nossas realidades, sem precisar de “tradutores”. Aprendi na prática que nem sempre os autores famosos, tão citados nas universidades, são mais sábios que os atores do dia a dia, como por exemplo, minha mãe, minhas vizinhas, Mano Teko, Jhenifer e tantos outros. Ser parte da pesquisa e pesquisadora ao mesmo tempo, só mostra o quanto nós pretos e pobres temos potência para transformar os espaços, realidades e fazer ecoar nossas vozes.

¹¹ Bairro da zona Leopoldina da cidade do Rio de Janeiro, cortado pelo ramal Saracuruna, linha de trem que liga o centro do Rio de Janeiro à cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Lucas Assis (Sukita)

*Preciso ser eu mesmo, não um fantasma,
sem nome sonhando com uma vida que pensam pra mim,
sendo como eles me vêem nesse lugar violento.
Um número, um meio, um estereótipo.
Todos esperam a minha morte para encherem seus bolsos de sangue...*
(Lucas Assis)

*Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém.
Odiava os políticos e os patrões, por que meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu
sabia que ia angariar inimigos, por que ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que
Deus quiser. Eu escrevi a realidade.*
(Carolina Maria de Jesus¹²)

Foi o primeiro sarau que eu fui, nem sabia o que era e hoje, sabendo da história, cheguei na época perfeita porque se ainda fosse APAfunk¹³ o modelo não me agradaria, não por “viés político” ou por problemas pessoais: eu só não queria estar na defensiva. Me ver em todo mundo foi único e saber que a mão que aplaudia era a mesma que construía de alguma forma, e que não tinha um cara branco classe média lucrando e mandando em tudo. Era só um encontro, aonde a poesia e a música aproximavam a gente. No final do meu primeiro sarau a Carol Lucena me deu uma camiseta linda. Em outro, eu e o Pedrinho jogamos bola com os moradores de rua. No outro, eu e Matheus achamos o cachorro quente de dois reais. Eu, Andrezinho e Soya grafitamos no centro pela liberdade do Rafael Braga¹⁴. Eu cresci tanto naquela roda, em contrapartida a pesquisa me proporcionou um olhar de outra perspectiva.

Me debrucei sobre questões de gênero, étnica, fenotípica, ideológica, faccionária, etc. Não só eu mas muitas militantes traziam esses debates que infelizmente são um mal recorrente na favela e houve um momento de grande turbulência, pessoas que não sofreram ofensas se ofenderam, pessoas queridas faleceram, e o que deveria ser resolvido foi sendo deixado de lado,

¹² Texto encontrado na internet em <https://www.pensador.com/frase/MjEzMjQ5NA>.

¹³ Associação de Profissionais e Amigos do funk, da qual Mano Teko era presidente até o ano de 2014, e que foi precursora do Sarau Divergente, que até a saída de Mano Teko da associação chamava-se Sarau da APAfunk, e o modelo não me agradava porque ainda havia muito protagonismo de pessoas que construía a APAfunk, pesquisadores e militantes brancos, que não conheciam muito bem a realidade das favelas, e que na minha opinião “espetacularizavam” o funk.

¹⁴ Jovem catador de lixo que foi preso nas manifestações de Junho de 2013 por ter em sua posse uma garrafa de detergente. Segundo a acusação aquele seria material inflamável para a produção de coquetéis molotov. Apesar de o laudo da Polícia Civil questionar a tese de que o detergente era inflamável, Rafael Braga, negro e pobre que passava suas semanas dormindo nas ruas do centro do Rio de Janeiro, foi condenado a 5 anos de prisão. Após cumprir quase três anos da injusta pena conseguiu um *habeas corpus*, e voltou a viver na casa de sua mãe na favela da Cascatinha, Complexo da Penha, obrigado a utilizar uma tornozeleira eletrônica. A polícia então pede para o jovem dar informações sobre o tráfico local e o mesmo se recusa, e é então acusado mais uma vez injustamente pro tráfico de drogas, pois os policiais que o abordaram forjaram um flagrante colocando maconha em sua bermuda. Dessa vez condenado a onze anos de prisão Rafael volta para a cadeia. Hoje vivendo em prisão domiciliar por conta de uma tuberculose adquirida na cadeia, Rafael vive na mesma localidade, entretanto em uma casa com melhores condições comprada com dinheiro arrecado em campanha virtual para este fim.

mas alguém precisa ser pego pra cristo.

Não que seja culpa delas mas, talvez as coisas tomassem outro rumo se as pessoas olhassem pra si. A garotada estava chegando com força total e nenhum lugar é, ou foi melhor pra formação do que o Divergente. Todos os favelados deveriam ter a oportunidade de ter essa experiência. Não um lugar pra dizer o que é ou o que não é. Você canta e todos entendem como você se sente e as coisas vão acontecendo, sem método, sem partido, sem lado. É determinante o nosso cuidado com a vida das pessoas e situações internas, não encobrir ou fingir que nada aconteceu, é se desprender das teorias e simplesmente fazer o que é preciso sem sentimento de egoísmo, nos amar, por que foi assim que eu me senti: amado.

O quão violento é, físico, mental, epistemológico ser um corpo negro em diáspora? Mais de três milhões e trezentos mil mulheres e homens negros escravizados trazidos por rotas do atlântico, corpos esses que eram moeda, mão de obra, amas de leite, objeto de ódio, piada, desejo, o que esses corpos são hoje? Fora de sua terra, a serviço de uma fé que não é sua. Descartável, violento.

Fazer um ganho, estourar a boa, são nossas metas. Vi amigos virar saudade e outros tantos serem privados de sua liberdade. Sempre ouvi “o importante é deixar minha família bem, meu menó e minha coroinha ter uma vida digna” o que é mais digno? Passar a vida toda com um salário mínimo? Trabalhar em ONG e lucrar com a morte do seu povo? Morrer na guerra? É a nossa mãe África que sempre chora.

Dentre tantas encruzilhadas, possibilidades, surgiu um convite inesperado. Carol Lucena, moradora do CPX¹⁵ que eu tenho mais respeito e admiração me fez um convite: participar de uma pesquisa. Eu aceitei por ser um pedido dela, como eu era envolvido com outras coisas fiz de tudo para que eu fosse desligado.

Passou-se um mês, e eu não apareci nem um dia, mesmo assim minha bolsa caiu e isso me gerou uma série de dúvidas. Eu conheço a universidade e era cheio de ódio com pesquisador, e eu estava recebendo dinheiro, mas a única “coisa branca” que eu vi dar “lucro” pra preto é cocaína então, o que eles querem?

Ai, fui conhecer Pedro Mendonça lhe fiz essa mesma pergunta, sua resposta mexeu muito comigo:

–Nada. kkkkkk

Então olhei para o lado estavam Matheus Ferreira e Jhenifer Raul e suas perspectivas se pareciam tanto com as minhas, lembrei de suas participações e poesias no Sarau Divergente que contavam sempre sobre suas realidades e o jeito que eles se sentiam, e eu por dentro também me sentia assim, naturalmente fui me apropriando daquilo como uma parte minha. Infelizmente nós não fazemos só o que gostamos mas também o que é preciso.

A falta do meu pai me fez pensar quão inútil seria continuar e ter de passar pelas mesmas coisas, não sei se estava disposto a ir no contrafluxo, procurar um outro olhar. Pedrinho me disse que só nós poderíamos fazer diferente, mostrar o quão errados e quanta dor têm nos causado,

¹⁵ Nomenclatura dada pelos próprios moradores do Complexo do Alemão a este bairro/favela do Rio de Janeiro.

mas eu sabia que quanto mais autonomia, mais protagonismo, mais preta, mais incomodaríamos. O quanto é difícil abrir mão de seus privilégios? Sempre salvadores, mãe do funk da zona sul, mãe preta de pele clara, livros, editais e congressos que falam do nosso povo, feitos pra uma minoria. Viemos apenas buscar o que é nosso e mostrar que somos como *Esú*, incoloniáveis.

Lemos, escrevemos, apresentamos, debatemos, assinamos, construímos, nos preocupamos, brigamos, divergimos, juntos. Não são os artigos ou textos escritos que marcam o nosso grupo, e sim nossa verdade, às vezes tiros, falta de dinheiro, problemas familiares e coisas que a academia não sabe lidar nos aparecem com frequência e para além disso. Existe um sentimento de cuidado entre nós muito forte advindo do próprio Divergente.

Nunca imaginaria que após minha entrada no Grupo de Pesquisas Dona Ivone Lara me manteria vivo, terminei os estudos, entrei pra faculdade pública (o primeiro de uma família de 16 irmãos), minha formação política foi o Divergente, nunca imaginei que pessoas que viveram na guerra e para guerra pudessem olhar nos olhos dos outros e dizer: Somos diferentes mas podemos construir não só o pessoal mas algo muito maior que nós. Às vezes eu ouvia uma poesia e parecia a voz doce da minha mãe falando comigo, ou eu mesmo me avisando do futuro que me aguardava e amigos que quando pegavam no microfone, não pareciam eles mesmos. Não sai da minha cabeça o dia do sarau no terreiro... eu tinha uma poesia pronta, mas acabei cantando o que meu coração mandou: *–Ei, preto bate no peito, além da herança carregue o respeito, traga o inferno pro seu opressor, desespero e medo, o engenho incendeio, no terreiro máximo respeito eu ando com os mortos pra te assombrar, sem freio.* Eu sabia que eram aquelas palavras que todos precisavam ouvir para se comunicar. Um amigo *rapper*, Bigorna Surtado, não conseguiu terminar sua poesia, talvez porque *Esú* manteve sua presença muito forte esse dia.

Nossa pesquisa procura entender as problemáticas desse espaço e tenta horizontalizar cada vez mais esse espaço de luta, ora tendo pleno entendimento que apareceram coisas que não entenderemos, ora não podemos expor. “Dia de sarau não chove”; “esse Sarau tem segurança”; “sem som tem sarau”; “todos fazendo roda”; “funk”; “capoeira”; “hip hop”; “sem partido, sem edital, maioria preta”. Quero estar vivo pra ver um lugar de resistência cultural, ancestral africana maior que o Divergente.

“Hoje o quilombo vem dizer, favela vem dizer, a rua vem dizer que é nós por nós”. –Mano Teko.

Matheus Ferreira

“Etnomusi o que?” Era simplesmente um bom convite. Escrever sobre nossa experiência em um campo observável, sendo parte desse espaço. Desde que passei a frequentar o Sarau Divergente na Cinelândia, todas as vezes fui guiado a fazer uma análise para a compreensão pessoal. Estas análises, mesmo sem a responsabilidade de pesquisar o espaço, ajudaram-me a compreendê-lo em toda sua coletividade. Quando essa proposta me foi dada (eu, cursante do nível médio de ensino, com 21 anos no agora, 19 anos na época, poeta favelado do espaço e *rapper* em construção), vi nessa proposta apresentada por Pedro Mendonça –inicialmente feita à minha irmã Jhenifer que por sua vez me indicou para participar– uma relação direta entre a música ancestral, Sarau Divergente, a poesia preta e a cultura favelada.

Desde então entendo a formalidade e a liberdade em alguns aspectos para dizer que somos dinâmicos em relação à nossa pesquisa. Explorando hermeticamente todos os aspectos que envolvem a política brasileira, em detrimento a uma visão radicalizada, buscamos em nossas reuniões (quando essas envolvem pesquisas e impressos para consultar) encontrar referência afrocêntrica para nossa pesquisa engajada. Entendendo que toda a pedagogia dialógica, baseada em África, tem modos operantes diversificados, também quando associados à educação. Em busca de solução, sem uma pressão trabalhista que algumas organizações (com modelos governamentais) poriam para desempenho das tese e artigos produzidos por nós mesmos, reafirmo que o processo é tranquilo. Todas e todos do grupo, com uma relação instável, resolvendo questões mais internas em base dos próprios ensinamentos revisados e citados para resolver estes. Quando me foi dito pra falar de mim e toda a minha experiência nesses dois anos de pesquisa, posso dizer que me sinto parte de algo muito importante, na construção da luta engajada nas pautas raciais. É gratificante falar sobre o próximo que se fez performer, e depois espectador no Sarau Divergente. As entrevistas realizadas com alguns compositores do Espaço Divergente nos esmiuçaram a amplitude da importância desse trabalho, para com esse Espaço, com a educação e com a cultura brasileira afrodiáspórica.

Desde que nós nos entendemos enquanto grupo, houve a possibilidade de entender a importância do trabalho. Pensei o quanto o espaço etnografado era particularmente importante para cada um de nós. Até mesmo as divergências com relação política às discussões de gênero no sarau —o que em partes traz questões internas; como a divisão de opinião entre as propostas apresentadas (relatos ouvidos pelo grupo, não necessariamente dito por mim, mas não abdicando dessa observação). Perceber até que ponto nossas atitudes são atos políticos que defendem interesses particulares. Talvez devamos começar a juntar peças de um enorme quebra-cabeças que se estende a longos alcances. Coisas que eu particularmente não gosto de entrar em detalhes, mas que é uma das especialidades de alguns desse grupo. Ivônicos, Pérolas, Jovelina... Somos todos nós os *insiders* do Sarau, porém só me lembro do Pedrinho se apresentando no Sarau da Roça¹⁶ (cantando Anitta e Ferrugem). Um olhar pesquisador, trouxe pra mim essa noção do quão parte do espaço eu me sentia. Quando detalhes nos eram perguntados após o Sarau eu poderia dizer claramente a respeito de algumas apresentações que me despertaram atenção, a questão simétrica ou assimétrica da música, conto ou poesia afro-brasileira, a possibilidade de ensinar através de uma das transgressões da cultura banto, vivida no espaço como a própria proteção cosmológica de Exu. Bem lembrado esse aspecto perspicaz; coisas que observei sobre a suposta centralização da figura de um dos integrantes do Espaço: emprego da sua crença religiosa ou simplesmente a não dissociação do cultural com o religioso vindo de África? Porque pra nós essa figura ancestral é tão representante? Lembrando que exu não se embranquece!

Nossa bagagem teórica se desenvolveu a partir da demanda ofertada pelo Divergente! Se as pautas de maioria preta e/ou periférica/favelada não se estruturam em um lugar comum fica difícil entender a união em toda essa convergência, por isso fomos em busca de suporte teórico

¹⁶ O Sarau da Roça foi um dos lugares que seriam etnografados pelo Grupo de Pesquisa Dona Ivone Lara, mas a gente percebeu que o próprio Divergente já era muito o que se construir, observação válida.

para nossas anotações. Por vezes a volta era muito triste. Aqui no Rio de Janeiro, se você morar na Zona Oeste da cidade, é bom que no fim do Sarau de onde você saiu se tenha cantado um ponto de Exú¹⁷, pois por vezes pensei ter “entrado numa fria” por estar sendo seguido por pessoas na rua, mas consegui chegar até o ponto de ônibus de boa. Eu acreditava profundamente que estava protegido. Alguns entrevistados contestaram a religiosidade do Sarau, mas sendo este de maioria negra traz consigo a cultura e uma ressignificação epistemológica, que foi observada por mim como sendo mais enraizada que muitos dos engajamentos da afrodiáspora.

Num processo de reencontro cultural nos agarramos ao que mais resistiu ao tempo e pode afagar os filhos perdidos de África. Talvez se o Sarau tivesse trazido essa ideia itinerante de hoje bem no seu começo, não como um processo experimental, mas como construção coletiva, talvez alguns de nós como Lincoln, não seríamos assaltados na volta pra casa.

Dentro de uma ideia e metaetnografia me ative mais aos pormenores de detalhes políticos que envolvem o Sarau e seu entorno. Digo isso pois percebo que as perspectivas são sempre muito diferentes e respeitam os pontos de vista de quem está vendo, registrando e escrevendo. Há detalhes em nossa pesquisa como relatos sobre a APAfunk, nossas idas ao Sarau da Roça¹⁸ – pensando ser o mesmo uma consequência do Sarau Divergente– ou mesmo estarmos em João Pessoa após um congresso cantando Ferrugem na praia. A riqueza de detalhes que estão nos meus próprios pontos de vista estão já atravessados por minhas análises políticas de tudo o que envolve o sarau.

Jhenifer Raul

Sou Jhenifer Raul, mulher jovem negra de 23 anos, mãe, nascida e criada na favela de Acari, onde sou moradora e trabalho como trancista. Comecei no ativismo em 2013, aos 18 anos, ajudando a organizar a passeata das mulheres no 8M, através de um partido comunista no qual participei até 2015, quando tive vontade participar de um evento de pan-africanismo em Salvador. Conheci Mano Teko numa atividade no CTO sobre a morte do Amarildo¹⁹, onde eu falei que era de Acari e que conhecia pessoas de lá, como Pingo do Rap e Deley de Acari. E ele falou: “Acari foi minha universidade, sou de Irajá”. Foi aí que me aproximei do Centro Cultural Popular Revolucionário Deley de Acari (CCPR), hoje Centro Cultural Deley de Acari (CCPD). Comecei a participar do Sarau através da minha irmã, que me fez o convite. No sarau, a identificação foi imediata, já que conhecia algumas pessoas e o público era majoritariamente negro.

Hoje sou ativista independente na luta antirracista, contra a violência nas favelas e contra

¹⁷ Costume do mestre de cerimônias Mano Teko após o término do Sarau, depois da Roda de Funk, no sentido de dar proteção para as pessoas em seus caminhos de volta pra casa.

¹⁸ Sarau que acontece no espaço autônomo da Roça, loja de economia solidária do morro do Timbau, na Maré, gerida por moradores desta mesma localidade.

¹⁹ Pedreiro morador da favela da Rocinha no Rio de Janeiro, que foi detido injustamente por policiais no dia 14 de Julho de 2013, tendo sido conduzido até a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) daquela mesma localidade, de onde desapareceu e nunca mais foi visto. Seu desaparecimento ocorreu durante as grandes manifestações populares de 2013, o que deu notoriedade ao caso, tornando-se internacionalmente conhecido. Em 2016 doze policiais foram condenados pelo seu homicídio.

as violências de gênero. Ainda enquanto ativista de partido e participante do Sarau Divergente, sempre tive como referências as mulheres negras que frequentavam o Sarau, pelas quais tenho muita admiração. O Sarau representa um espaço de reabastecimento de energias e eu fazia questão de estar todo o mês.

Dentro de minha perspectiva, nosso método de pesquisa –que eu ainda não conhecia– particularmente me transformou muito no sentido das possibilidades das coisas que a gente pode fazer. Eu como mulher preta, militante de favela, várias vezes fui chamada para dar entrevistas sobre algum estudo sobre violência, sobre o local onde eu moro e sobre várias coisas relacionadas com estas temáticas. Ao mesmo tempo, antes de minha entrada no GPEDIL, nunca fui chamada para fazer parte ativamente da construção de uma pesquisa sobre aquilo que eu já fazia. Então para mim esse é um método de investigação que traz também a perspectiva de quem passa pelas coisas, de quem está no espaço de fato, o que eu acho que é uma transformação muito grande. É muito transformador o que estamos fazendo.

A minha participação no grupo de pesquisa começa a partir do contato com o Pedro que me chamou para participar. Até então eu participava assiduamente do Sarau, há um ano mais ou menos. Em um Sarau de pessoas negras, com muita gente que a gente não conhece, Pedro veio conversar comigo e logo pensei “Quem é esse branco?”. Ele perguntou se podia conversar comigo e me convidou para participar do grupo de pesquisa. Na hora disse que gostei da proposta mas não achei que me encaixava nesse papel de pesquisar música, e pensei “o que eu vou fazer? Como eu vou fazer?” Então até sugeri alguém que poderia se encaixar melhor, que no caso era o Matheus, meu irmão. Na hora ele colocou que tinha uma vaga ainda por preencher que poderia ser do Matheus, mas que gostaria que eu participasse.

Isso aconteceu em outubro de 2015 e meu contrato de trabalho com o SESC²⁰ acabaria no mês seguinte, quando estaria em situação de desemprego. Nossa pesquisa seria, segundo Pedro, para começar em fevereiro. Em janeiro de 2016 encontro-me com o Pedro e levo o Matheus para conhecê-lo, para saber se ele realmente gostaria de participar. Em fevereiro a gente começou a pesquisa.

No momento em que a pesquisa começa minha dificuldade era entender como isso tudo poderia virar um material e como meu olhar poderia gerar esse material, já que eu ainda estava com a pendência de não ter concluído meu ensino básico²¹ e minha dúvida era como eu conseguiria elaborar algo que viraria um material de pesquisa. Nossas primeiras reuniões foram muito informais: a gente sentava e debatia. Teve um dia em que sentamos e vimos um vídeo sobre uma entrevista que dei para uma menina que estava fazendo sua pesquisa de conclusão de curso, e me entrevistou. Esse vídeo mostrava um trecho em que eu estava cantando no Sarau com o Pingo do Rap, que é também um funkeiro participante do Sarau de quem falaremos na nossa tese, nosso trabalho de conclusão. Nesse dia vimos também vídeos dos anos 1990 de grupos como a Força do Rap, Teko e Buzunga, que possuíam pessoas participantes do Sarau. Mesmo assim eu tinha uma dificuldade tremenda de conseguir pensar em escrever uma tese:

²⁰ Serviço Social do Comércio.

²¹ Hoje Jhenifer possui o Ensino Médio completo.

“como eu conseguiria escrever isso?”. Estávamos ali e partilhávamos de nosso saber empírico²², só que a minha dificuldade era o teórico, tanto que houve um encontro em que perguntei “a gente não vai ler nada? A gente não vai ter um embasamento teórico?”, para na hora de escrever a tese. Se a proposta era produzirmos juntos, como a gente construiria a escrita já que as pessoas não tinham o acesso igual a esse conhecimento? O Sukita era o único de nós, quando se consolidou o grupo (que nomeamos de GPEDIL) que já havia acabado o Ensino Médio²³. Com a entrada de Raphaela, graduada em Serviço Social, ganhamos mais uma pessoa que poderia ajudar a gente com esse aporte teórico, função que era pensada inicialmente para Geandra, que pouco tempo ficou no grupo, logo em seu princípio.

Na minha perspectiva o Sarau Divergente é um espaço de arte política, de arte engajada, ou de “além-arte” como o Teko gosta de dizer, e que será um conceito do qual falaremos muito em nossa tese, já que a maioria dos personagens do Sarau eram personagens políticos, seja por serem militantes de favela, seja por serem militantes universitários. Militantes de diversos espaços da sociedade. A galera era militante no sentido de terem uma trajetória política, embora outros não. Alguns estavam ali por conta de sua trajetória dentro do funk, desse funk que tem um conteúdo, um peso político, ou mesmo do contato com o rap. Me lembro que no começo, quando o Sarau acontecia na segunda quinta-feira de cada mês, ele começou a esbarrar com os atos de rua, o que deixava o Sarau bem cheio e muitas pessoas se aproximaram nesse momento. Por ser um espaço majoritariamente negro, quando eu começo a participar essa galera militante e preta “vai chegando”, se identificando e vai colocando ali um espaço de reflexão e de reabastecimento de energia para continuar na luta contra o racismo, contra as desigualdades sociais, contra a violência nas favelas. Era aquele lugar de força que a gente tinha. Muita gente procura na religião mas no Sarau a gente tinha muito isso, que também era um espaço de ancestralidade. O Sarau tem uma conexão direta que nos faz sentir conectados a quem veio antes da gente, a quem virá depois.

O que me tornava muito próxima daquele sarau era a relação com as mulheres daquele espaço. Quando eu comecei a frequentar o Sarau as mulheres tinham um papel fundamental no Divergente, e eu entro na pesquisa exatamente trazendo estas inquietações: o lugar da Monique, da Rachel, da Glaucia, da Gianni –que era a pessoa que mesmo sendo uma mulher não-negra tinha um espaço fundamental de liderança política ali. Isso me deixava completamente saciada, eu tinha vontade de estar naquele espaço, eu me identificava com aquele espaço, me sentia parte. Porém com o decorrer do tempo comecei a ter embates políticos muito fortes com alguns participantes, pessoas de outras correntes mais radicais do movimento negro que para mim queriam impor suas perspectivas, seu modo de fazer político. Isso originou alguns conflitos dentro do Sarau, que foram gerando o afastamento de algumas pessoas que não se identificavam com aqueles posicionamentos. Muitas destas foram colocadas contra a parede, se sentiram com

²² Forma grosseira que arranjei para falar daqueles saberes que construímos ao longo da vida, o saber informal.

²³ Já que Raphaela, que já completou o Ensino Superior, só entrou no grupo em abril de 2017, apesar de –por ser minha companheira– estar muitas vezes conosco e colaborar muito com o grupo.

um “dedo na cara”. O Pingo por exemplo em sua entrevista para o GPEDIL cita que, “*uma das dificuldades do espaço coletivo é não poder controlar o que o outro diz*”.

Entrevistamos as mulheres que tinham o papel de liderança dentro do sarau e que foram protagonistas destes conflitos políticos. Construímos uma narrativa de pensamentos diferentes, mas dentro de uma única perspectiva: a de manter o povo negro unido, vivo e na luta contra o racismo. Um dos possíveis resultados de nosso trabalho no GPEDIL é conseguirmos fazer essas pessoas dialogar, estar todo o mundo coeso. Se o Sarau é, e era Divergente, já sabemos que esse nome não aparece à toa. Ele aparece porque mesmo que não tenha o mesmo posicionamento, podemos construir narrativas diferentes com o mesmo objetivo em comum. A gente não precisa se atacar, até porque como diz a palavra de ordem “povo negro unido, povo negro forte, não teme a luta, não teme a morte”.

Eu acho que o sarau e sua ligação com a arte e com as formas de se manifestar com o funk, com a dança –como inúmeras vezes aconteceu lá– consegue ser um fio condutor de mais uma maneira de se fazer política. O Sarau de início foi, e certamente é, aquilo que eu consigo fazer com o que eu tenho: “eu na favela consigo comunicar com os meus de maneira política através da arte, através do funk, através do rap, através do hip hop, através da dança”. Eu consigo me comunicar com os meus, no meu lugar, levar a mensagem. Acredito que a minha percepção de mulher negra, pesquisadora daquele espaço é que aquele é um espaço potente que precisamos reativar. A gente precisa daquele espaço ativo, com a simbologia que tem que ter, na rua, na encruzilhada, na sexta-feira, do lado da Câmara Municipal. Ocupar aquele espaço é um ato político, um ato e resistência do povo preto, e eu acho que a gente não pode perder esse espaço.

Pedro Mendonça

Desde minha entrada como bolsista de iniciação científica no grupo Musicultura, à época aluno do curso de graduação em música da UFRJ, venho aprendendo o que é etnomusicologia, seus limites e suas possibilidades, buscando sempre romper com grande parte destes limites, que comumente se impõem na institucionalidade, gerando bloqueios por muitas vezes elitizadores de nossa disciplina já bastante elitizada.

Após um mestrado na Universidade de Aveiro, onde a partir de um movimento *punk* local na cidade do Porto-Portugal, tentei construir minha primeira proposta de pesquisa participativa em um texto de pós-graduação (Mendonça et al. 2013), retorno ao Brasil para realizar o doutorado na UNIRIO sob orientação do prof. Samuel Araújo, também coordenador do Musicultura desde o ano de 2003 até os dias atuais. Após um início confuso de readaptação à cidade do Rio de Janeiro, já que havia vivido quatro anos em Portugal, conheci o Sarau Divergente e me encantei com aquele espaço, gerando imediato desejo de realizar a pesquisa com/sobre o mesmo. Estava desenhada então a conjuntura inicial para o início do trabalho de campo.

Em setembro de 2015 recebi a notícia de que fui contemplado com uma bolsa de doutorado da CAPES, o que abriu as portas para realizar a etnografia no Sarau Divergente da maneira que desejava: participativa. Uma das principais críticas que construí ao longo do tempo, tanto a partir da minha experiência como estudante de etnomusicologia, quanto dentro de movimentos sociais,

foi a de que acadêmicos brancos –e eu sou reconhecido majoritariamente enquanto branco– realizavam as suas pesquisas sobre populações subalternas²⁴ sem assumir estas populações enquanto coprodutoras destas pesquisas, apesar de construídas fundamentalmente sobre os seus conhecimentos, práticas e epistemologias. E o pior é que quando os chamavam a “estar presentes” efetivamente não ofereciam “nada em troca”. Por ideal eu gostaria de realizar “junto”, e agora tinha “a faca e o queijo na mão” para construir uma dinâmica menos desigual: a possibilidade de remuneração.

Convidei então bolsistas que eram músicos, poetas, jovens negros moradores de favela do Rio de Janeiro e suas periferias e lhes ofereci a bolsa de doutorado, que ao longo do tempo foi partilhada das mais diversas formas, sempre decidido coletivamente com o grupo. Primeiro convidei Jhenifer, que indicou seu irmão Matheus, e recebi a indicação de Sukita por parte de minha companheira de luta e de vida Carol Lucena. De início tínhamos a participação da etnomusicóloga e atriz, moradora da Maré, Geandra Nascimento. Entretanto sua participação foi interrompida ainda nos primeiros meses. Hoje temos a presença da Rapha Yves, percussionista talentosa, companheira de Jhenifer e moradora da favela de Acari. Ao longo desse tempo tenho aprendido sobre meus privilégios e sobre os momentos de falar, de me calar, de estimular, de aconselhar, de ajudar financeiramente, de acolher, tenho aprendido muitas coisas. Temos sido desafiados pela academia sobre a validade de uma produção coletiva na universidade onde ainda reina o caráter do gênio individual e tenho ainda concluído cada vez mais que nada se produz sozinho. Então aqui apenas assumimos o caráter individual de qualquer pesquisa, partilhando um pouco de meus privilégios, que mesmo assim ainda são muitos –pela minha pele clara, pelo meu gênero, pelo meu atual status de professor de educação básica da rede federal de ensino, por muito.

Considerações finais

A possibilidade de realizar uma pesquisa-ação participativa com caráter de uma autoria coletiva, permite a nós apresentar um trabalho que engloba uma diversidade de experiências a partir da própria voz dos envolvidos neste processo etnográfico. Ao longo da pesquisa com o Sarau Divergente, que por si prioriza um protagonismo da população negra e periférica tanto enquanto *performers* como organizadores/produtores do evento, nos defrontamos com uma série de possibilidades epistemológicas assentadas em práticas de matriz africana e afrodiaspóricas, principalmente com a presença filosófica, política e epistemológica do orixá Exu, presente nas metaetnografias dos autores negros e negras deste artigo. A possibilidade de entender uma referência filosófica advinda de uma cultura oral negro-africana como passível de ser entendida como criadora de epistemologia somente foi possível por conta do encontro com a noção pluriversal e policêntrica da afroperspectividade, onde há uma provocação a todos nós para percebermos o quanto os conhecimentos da população negra brasileira foi tratado como “menor”

²⁴ Aqui entendemos essa subalternidade a parcela não-hegemônica de sociedades que se constroem em torno de condições econômicas, raciais, de gênero e sexualidade desiguais.

e sem capacidade de produzir conhecimento ao longo dos últimos séculos de opressão e escravização contra essa parcela da população.

Para nós é potente o entendimento de que os saberes advindos da oralidade de jovens negros e pobres, a maioria não-graduada, com históricos de abandono escolar e pouquíssima conexão com o universo eurocêntrico de valorização da cultura escrita pode, a partir do conceito de afroperspectividade, permitir a utilização de personagens conceituais afro-brasileiros como Exu enquanto ferramenta filosófica. Este foi o caso de comunicação oral apresentada pelo GPEDIL em congresso em 2018 (GPEDIL 2018), que relacionava a filosofia do orixá com a música funk carioca presente no Sarau Divergente, ou da possibilidade de entender que o método PAP poderia ser compreendido enquanto uma “roda de filosofia afroperspectivista” (Nogueira 2014: 50), entre outras questões que estarão na tese de doutorado de caráter coletivo em produção neste momento.

Bibliografia

- Araújo, Samuel. 2008. “From Neutrality to Praxis: The Shifting Politics of Ethnomusicology in the Contemporary World”. *Musicological Annual Liubliana University* 44 (1): 13-30.
- _____. 2017. “O campo da etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político”. Em Lünhing, Angela e Rosângela Pereira de Tugny (orgs.), *Etnomusicologia no Brasil*, prefácio, pp. 7-18. Salvador: EDUFBA.
- Assis, Lucas et al. 2017. “A questão da mulher e da ancestralidade negra no Sarau Divergente: Reflexões a partir de uma pesquisa-ação participativa”. Em *VIII ENABET no Rio de Janeiro*.
- Cambria, Vincenzo. 2012. “Music and Violence in Rio de Janeiro: A Participatory Study in Urban Ethnomusicology”. Tese de Doutorado em Etnomusicologia. Wesleyan University.
- Cambria, Vincenzo; Edilberto Fonseca e Laize Guazina. 2017. “Com as pessoas: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira”. Em Lünhing, Angela e Rosângela Pereira de Tugny (orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*, pp. 93-138. Salvador: EDUFBA.
- Carneiro, Aparecida Sueli. 2005. “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser”. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação-USP, São Paulo.
- GPEDIL. 2018. “Exu, funk carioca e comunicação: um estudo de caso no Sarau Divergente”. Em *ICTMLatCar2018 em Salto*.
- Mendonça, Pedro et al. 2013. “O punk como formação política anarquista: Um estudo de caso colaborativo na Casa Viva”. Dissertação de Mestrado em Etnomusicologia. Universidade de Aveiro.
- Nogueira, Renato. 2014. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas e Biblioteca Nacional.
- _____. 2015a. “Sambando para não sambar: afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da Filosofia”. Em Silva, Wallace Lopes (org.) *Sambo logo penso: Afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*, pp. 31-55. Rio de Janeiro: Hexis

editora.

_____. 2015b. *Afroperspectividade: Por uma filosofia que descoloniza*.
<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> [consulta: 31 de Março de 2018].

Uribe, Luis Guillermo Vasco. 2007. “Así es mi método en etnografía”. *Tabula Rasa. Revista de Humanidades* 6: 19-52.



Biografia / Biografía / Biography

Jhenifer Raul é membra do GPEDIL, do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, mulher preta, 23 anos, estudante, candidata à graduação em música e moradora da favela de Acari.

Lucas Assis é membro do GPEDIL, do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, homem preto, 24 anos, recém aprovado para o curso de licenciatura em música da UNIRIO e morador do Complexo do Alemão (CPX).

Matheus Ferreira é membro do GPEDIL, do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, homem preto, 21 anos, estudante do 2º ano do Ensino Médio e morador de Catiri/Bangu.

Pedro Mendonça é membro do GPEDIL, do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, doutorando em etnografia das práticas musicais pelo PPGM-UNIRIO e professor de educação musical do Colégio Pedro II, homem branco, 33 anos, morador do bairro de Olaria, Rio de Janeiro.

Raphaela Yves é membra do GPEDIL, do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, mulher preta, 26 anos, graduada em Serviço Social Universidade Anhanguera e moradora da favela de Acari

Como citar / Cómo citar / How to cite

Raul, Jhenifer; Lucas Assis, Matheus Ferreira, Pedro Mendonça y Raphaela Yves. 2018. “Metaetnografía perspectivista: a diversidade de experiências em uma pesquisa-ação participativa de pós-graduação em etnomusicologia”. *El oído pensante* 6 (2): 6-26. <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/oidopensante> [Consulta: DATA].